

SEXUALIDADE E INTIMIDADE DE UM HOMEM PÚBLICO: ALTINO ARANTES (1916-1920)

Patrícia Simone de Araujo¹

Resumo: Durante muito tempo, duvidou-se da possibilidade de se penetrar na história íntima dos brasileiros através da leitura de seus diários tidos muitas vezes como inexistentes nos séculos passados. Todavia, pesquisas recentes demonstram que essa vontade de se revelar aos outros através da escrita autobiográfica também existiu no Brasil do século XIX. O objetivo desse trabalho é analisar o “diário íntimo” redigido por Altino Arantes no período em que foi presidente do Estado de São Paulo (1916-1920). Neste documento o autor registra momentos íntimos e pessoais, revela sonhos eróticos, dentre outros temas, o que constitui excelente oportunidade para evidenciarmos a legitimidade da sexualidade enquanto objeto de pesquisa do conhecimento histórico.

Palavras chave: Intimidade, Sexualidade, Diários íntimos e Altino Arantes.

O objetivo desse trabalho é analisar o “diário íntimo” redigido por Altino Arantes, político e administrador público paulista cuja trajetória ascensional se deu durante a Primeira República. Neste documento o autor registra detalhadamente fatos cotidianos relacionados à sua atuação a frente da presidência do Estado de São Paulo (1916-1920), revela ansiedade, momentos de hesitação, frustração e desejo, dentre outros temas, o que constitui excelente oportunidade para evidenciarmos a legitimidade da sexualidade enquanto objeto de pesquisa do conhecimento histórico.

A autobiografia (nesse caso o diário íntimo) surge nesse contexto como documento significativamente profícuo para o estudo que tem como objetivo entender os meandros da intimidade e da sexualidade. Nos documentos autobiográficos seus autores revelam profundamente sua intimidade, confessam seus desejos sexuais, sonhos (sendo em sua maioria eróticos), consignam opiniões, idéias, valores que dificilmente seriam colocadas em pauta em um ambiente público ou seriam apreendidos em documentos oficiais. O autor no documento “privado” desfruta de uma suposta liberdade para pensar e emitir opiniões que jamais daria no espaço público. Seria como se o indivíduo estivesse em um estado de suspensão moral ou ética, podendo dar livre impulso as suas opiniões.

¹ Bolsista PIBIC/CNPq: Política e Intimidade na Primeira República: o diário de Altino Arantes (1916-1924). Graduada de História pela UnUCSEH/UEG.

Considera-se que a produção de documentos autobiográficos tenha se iniciado a “grosso modo” a partir do final do século XVIII, quando indivíduos “comuns” passam deliberadamente a produzir uma memória de si (CASTRO GOMES, 2004). A escrita de si teve como epicentro de difusão a Europa Ocidental e os Estados Unidos. No caso do velho continente a reforma protestante e o iluminismo contribuíram para emancipar o indivíduo da tradição herdada do Antigo Regime, possibilitando o exercício do exame de consciência pessoal sem a sanção exclusiva da autoridade grupal. Na América do Norte, nascida sob o signo da modernidade ocidental, destaca-se a extrema importância dada ao registro pessoal e a reminiscência como elemento de afirmação da individualidade. Contudo, é no século XIX que a escrita de si encontra o ápice de sua produção.

Todavia, é importante esclarecer que a preocupação com o autoconhecimento não têm sua origem na modernidade. Na Antiguidade já existia a apreensão em realizar o desnudamento dos sentimentos basta lembrar a inscrição da entrada do templo do Delfos: conhece-te a ti mesmo. Essa inscrição demonstra desde essa época um convite explícito ao autoexame (HENRIQUE, 2009).

Os estudos sobre a escrita de si demonstram que no século XIX os homens foram os que mais se dedicaram ao exame de si por meio da prática de escrever em seus diários íntimos, tratava-se de uma prática cultural exercida em ambiente privado por homens “comuns” (GOMES, 2004). No século XIX, podemos encontrar personalidades famosas que se dedicaram ao ato de escrever diários como o Imperador D. Pedro II (1825-1891), André Rebouças (1838-1898), Joaquim Nabuco (1849-1910), Eugene Delacroix (1798-1863) ou Nietzsche (1844-1900). Somente no século XX o diário íntimo passa a ter a conotação pejorativa de “negócio de mulher”.

As pesquisas historiográficas, durante muito tempo, não se preocuparam em estudar a história íntima dos indivíduos de séculos passados através da leitura de seus diários ou outros escritos autobiográficos. Gilberto Freyre acreditava que estudar a intimidade dos indivíduos de países como o Brasil não seria uma tarefa fácil devido a certas especificidades e particularidade de nossa formação cultural:

aqui o confessionalismo absorveu os segredos pessoais e de família, estancando nos homens, e principalmente nas mulheres, essa vontade de se revelarem aos outros que nos países protestantes provê o estudioso da história íntima de tantos diários, confidências, cartas, memórias, autobiografias, romances autobiográficos. Creio que não há no Brasil um só diário escrito por mulher. (FREYRE *Apud* HENRIQUE, 2003, p. 45).

A hipótese levantada por Freyre de que provavelmente “não há no Brasil um só diário escrito por mulher” não se sustenta principalmente após a publicação da obra escrita por Ana Maria Mauad e Mariana Muaze (2004) na qual analisam o diário da Viscondessa do Arcozelo escrito na segunda metade do século XIX. A viscondessa revela em seu diário informações preciosas sobre o cotidiano do Rio de Janeiro de seu tempo, incluindo temas como as condições de vida da época, a intimidade doméstica, os papéis femininos, a rede de sociabilidade etc. Raramente a autora revela seus momentos íntimos.

Além do diário da viscondessa podemos citar também os diários de Helena Morley² (1880-1970) escritos em Diamantina, Minas Gerais, também em fins do século XIX. O diário cobre o período de 1893 a 1895 e foi publicado pela primeira vez em 1942. A autora tinha entre 14 e 16 anos quando escreveu o diário.

O fato de que no contexto brasileiro o diário pessoal e a escrita íntima praticamente inexistiram como gênero literário por longo período, não deve ser atribuído simplesmente ao fato dos devotos recorrerem habitualmente ao confessor, como Freyre nos faz crer. O Brasil não teve influência significativa de Roma, devido à vigência do Padroado Régio que durou até a Proclamação de República, resultando disto que a obrigatoriedade do sacramento da confissão não fosse aplicada como a Igreja gostaria (HENRIQUE, 2005).

Um fato interessante destacado por Couto Henrique (2005) também ajuda-nos a entender como a hipótese de Freyre pode está equivocada:

Relatando uma visita pastoral de Dom Macedo Costa à localidade de Abaeté, no interior do Pará, em 1876, o periódico *A boa nova* apresenta dados surpreendentes para o sacramento da confissão: “os padres confessavam desde as quatro horas da madrugada até às 8, e das 4 da tarde até às 10 horas da noite” O mais sensato é pensar que esses números se explicam muito mais pelo longo período sem atendimento espiritual por parte dos padres, do que pela vontade de se revelar ao confessor ou, ainda, pela quantidade de pecados da população de Abaeté (HENRIQUE, 2005, p.287).

Cabral de Mello também procura revisar e superar o argumento de cunho religioso levantado por Gilberto Freyre a respeito da falta de motivação dos povos dos trópicos para o chamado “exame de consciência”, feito em geral no confessor, do padre. Para isto aponta como possíveis fatores explicativos: a) o baixo nível educacional que prevalece até as primeiras décadas do século XX, dificultando o exercício da escrita

² Helena Morley de Alice Dayrell Caldeira Brant (1880-1970).

pessoal; b) a ausência de uma "cultura da vida privada" nos países de colonização ibérica, ao contrário daqueles de cultura protestante que a desenvolvem precocemente (1998, 386-8).

A autora Maria Helena Machado aponta para aspectos análogos ao afirmar que a raridade desse tipo de fonte histórica se daria em uma sociedade "pouco afeita às letras em geral, e menos ainda à valorização do registro pessoal e da reflexão íntima" vindo "apenas tardiamente, em tempos mais modernos, via psicanálise (...), vulgarizar-se a escrita do diário" (MAGALHÃES, 1998, p.21).

A sexualidade aparece de forma recorrente no diário de Altino Arantes Marques. Contudo, é retratada de forma mais comedida. Altino parece que ao mesmo tempo em que deseja expor seus momentos e anseios mais íntimos em relação a sua sexualidade também tem a preocupação em não se deixar revelar por completo. A todo o momento, mesmo que seja em pequenos trechos, Altino escreve em um tom de confissão os seus anseios sexuais. Essa vontade contraditória de deixar se revelar e simultaneamente tentar se "esconder" é o que torna o diário de Altino Arantes um objeto intrigante e estimulante para o conhecimento histórico.

Como destaca a autora Ângela de Castro Gomes (2004), certas circunstâncias e momentos da história de vida de uma pessoa ou de um grupo – períodos esses que a autora caracteriza como excepcionais – estimulam a prática da produção autobiográfica. Essa constatação pode ser evidenciada no caso de Altino Arantes, já que este escreve um diário de governo de um homem que parecia ter alcançado o auge na vida pública ao tomar posse da presidência do Estado de São Paulo.

Altino Arantes Marques (1876-1965) era natural de Batatais, próspero município cafeeiro do nordeste paulista. Filho de importante coronel e negociante na localidade, veio a cursar o secundário no Colégio São Luís, em Itu, estabelecimento confessional dirigido por padres jesuítas, algo que certamente colaborou para reforçar certos ideais católicos em Altino. Matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, vindo a bacharelar-se aos dezenove anos em 1895. Ao retornar à terra natal iniciou uma bem-sucedida carreira jurídica. Mais tarde, com o apoio e a significativa influência de sua tradicional parentela, posteriormente reforçada através dos fortes laços com o grupo dos Junqueiras, elegeu-se deputado federal na legislatura de 1906 a 1908, vindo a se destacar na defesa do famoso Acordo de Taubaté. Em 1911 assumiu interinamente a Secretaria do Interior no final do governo de Albuquerque Lins. Reconduzido a essa

mesma pasta pelo Conselheiro Rodrigues Alves acabaria se tornando um dos mais fiéis defensores do político de Guaratinguetá (EGAS, 1927, v.2, p.481).

A indicação oficial de seu nome para chapa oficial do PRP à sucessão do conselheiro exemplifica essa fidelidade. A indicação de seu nome por imposição do próprio Rodrigues Alves e contra boa parte dos chefes políticos regionais levaria a uma grave cisão interna no partido em fins de 1915. Apesar desse entrave Altino foi eleito para um mandato no qual enfrentou muitas dificuldades devido a uma série de fatores negativos decorrentes da conflagração mundial em curso desde 1914, que afetaram a cafeicultura, atingida por pragas e pelas geadas em 1918, além das quizilas políticas (SEVCENKO, 1992, p.24).

Altino começa a escrever seu diário em primeiro de maio de 1916, indo até 28 de abril de 1920, coincidentemente início e término de seu mandato como governador paulista. Nele, o autor relata cronologicamente fatos ou acontecimentos do dia-a-dia, consigna opiniões e impressões, registra confissões e/ou meditações.

Segundo Calligaris a escrita de si, tem como principal preocupação a sinceridade do autor, esta é um valor diferentemente e hierarquicamente superior à verdade factual (1998). Assim, Altino valia-se da sinceridade do registro autobiográfico, com todo seu efeito de veracidade não comprometida com a verdade factual, para manifestar sem as interdições próprias das relações sociais, consignando opiniões a respeito de seus próprios atos ou de seus pares. Ao considerarmos a necessidade moderna que os sujeitos têm de comporem sua imagem, podemos afirmar que Altino procura em seu texto caracterizar-se ao mesmo tempo como um devoto e como um político honesto.

A morbidez é uma característica constante no diário de Altino Arantes, não são raras as vezes que deseja adoentar-se para alcançar a morte como uma forma de se reencontrar com sua esposa falecida. Observa-se nitidamente a falta que Altino sentia de sua esposa Maria Teodora Arantes, falecida quase exatamente um ano antes de sua posse (12/3/1915). É justamente por esse sentimento de saudosismo e de amor dedicado a sua esposa morta que Altino Arantes justifica a não destruição desse diário íntimo. Como fica explícito abaixo no trecho introdutório do diário, Altino deixa claro que desde a adolescência já possuía o hábito de escrever diários, contudo, todos os outros teriam sido destruídos:

Este caderno de notas íntimas é absolutamente reservado. Destina-se, como tantos outros que o precederam – desde os longínquos tempos do colégio de Itú, – à destruição pelo fogo purificador, no periódico auto de fé das caixas velhas e imprestáveis. Um só deles guardo ainda,

no meu cofre, junto das modestas jóias da minha querida morta. Não o consumi porque foi escrito expressamente para ela, durante os dias de sua última viagem ao interior. Intitulei-o, por isso, numa dolorosa antevisão do meu destino, “Soledade”. E foi ela própria que – terminada a sua leitura, ainda em casa do [Bié] em Batatais, disse-me, sorridente e quase vaidosa: “É o mais precioso presente, que tenho recebido de tuas mãos; não o rasgarei, como pedis; guardá-lo-ei, sim, entre as minhas jóias”. Estou, pois, cumprindo neste particular um voto da Maria...³

O desejo de morte expresso no diário de Altino assemelha-se com os que são descritos no diário de Eugénie Leuzinger Masset⁴, entre 1885-1899, escrito no Rio de Janeiro. A autora revela um profundo anseio pela morte, depois do falecimento de marido. Deseja a morte como uma forma de reencontrá-lo. Um fato peculiar no diário dessa autora é a escolha de Deus como interlocutor confidente. Ao escrever o diário a autora ora alterna a interlocução fictícia do diálogo ora com seu marido falecido, ora com Deus, mas às vezes, os dois parecem tornar-se um só:

[...] meu pai, será que é um pecado pensar em Deus quando penso em meu marido, que perdi faz quatro anos e meio, será que é uma falta pensar em meu marido cada vez que rezo a Deus, quando peço sua proteção para mim, para meus filhos? Eu os confundo em meus pensamentos e minhas orações, eu me sinto atraída pelo céu desde que ele se foi, eu rezo para mim e meus filhos e, entretanto, rezo a Deus por ele também (HENRIQUE *Apud* MASSET *Apud* Borges, p. 36)

Diferentemente dos membros da elite política paulista fortemente influenciada pelo positivismo, leitora das obras de Comte e Spencer, freqüentadora de lojas maçônicas, Altino Arantes era um católico jesuíta fervoroso. Seu diário confirma que freqüentava missas regularmente e visitava sempre o túmulo de sua esposa. Menciona freqüentemente contatos o bispo paulistano D. Duarte e outras lideranças católicas.

A devoção ao cristianismo já acompanhava Altino desde a infância. Contudo, desde a morte de sua esposa Altino passara a freqüentar a igreja mais constantemente, na tentativa de encontrar consolo e conforto para suas angústias. A igreja de certo modo servia aos mesmos propósitos da escrita autobiográfica para Altino Arantes. Tanto no seu diário quanto em suas confissões ele revelava seus pensamentos íntimos, desejos, anseios, angústia e sonhos.

³ AESP. APAA. Locus: AP91.01.001. vol.1. [1º/5/1916].

⁴ Eugénie Leuzinger Masset ficou viúva aos 34 anos, com sete filhos para criar, no Rio de Janeiro. Começou então, a escrever um diário, dedicado a memória do seu esposo, Gustavo Masset, que faleceu no Hotel Vista Alegre, no Rio de Janeiro, o mesmo lugar que faleceu Couto de Magalhães. Eugénie escreveu regularmente de janeiro de 1885 a fevereiro de 1889 (HENRIQUE, 2009).

Através do ato de confessar e refletir sobre estas confissões Altino realizava um exame de autoconsciência e construção de sua própria imagem a partir da relação que tinha consigo mesmo e com os outros. Apesar, de Altino solicitar que o conteúdo de seus escritos não fosse tornado público, por constituir-se em registros de interesse estritamente privado, na verdade isto não condizia com a natureza do “ato autobiográfico”. Caligaris (1998) considera uma ingenuidade esse tipo de afirmação uma vez que a intenção subjacente do autor de textos autobiográficos seria a de ficcionalizar sua própria vida com o objetivo de construir uma imagem mais apropriada de sua personalidade.

Diferentemente de Altino Arantes os escritos autobiográficos redigidos por Jean Jacques Rousseau (1712-1778) denominados de “*Confissões*”, assumiram uma atitude abertamente confessional em sua autobiografia. O critério de verdade em Rousseau não estava necessariamente associado à noção de fidelidade aos fatos e sim ao fato de estar sendo sincero. Acreditava que suas confissões encerravam a verdade mais íntima que ele se dispõe:

o verdadeiro objetivo das minhas confissões é fazer conhecer exatamente o meu íntimo em todas as situações da vida. Foi a história da minha alma que prometi; e para a escrever fielmente não preciso de outras memórias. Basta-me, como fiz até agora, penetrar em mim mesmo (GAY apud HENRIQUE, 2009, p. 35).

A Igreja ao incentivar o ato de confessar também incitava a Altino a revelar segredos que provavelmente não teria coragem de expor nem em seu próprio diário. O ato de confissão tem como uma de suas finalidades fazer o indivíduo a revelar seus pecados com a finalidade de redenção destes. É neste momento que o indivíduo se despe por completo e revela seus desejos e anseios mais íntimos principalmente em relação à sexualidade. Segundo Foucault a Igreja incita “a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir e a fazê-lo falar ele próprio sob a fórmula da articulação explícita e do detalhamento acumulado” (1988, p.22).

Um dos momentos que deveriam ser um dos mais felizes na carreira de um político que significa alcançar um dos mais altos cargos políticos do período da Primeira República como o de presidente do Estado de São Paulo e num período relativamente curto para época (já que as carreiras políticas passavam por vários trâmites burocráticos o que levaria um tempo razoável para um político alcançar o cargo de presidente de Estado e Altino assumiu esse posto quando tinha menos de quarenta

anos) Altino mostrava-se triste por não ter sua esposa ao seu lado pra compartilhar esse momento como fica claro no seguinte trecho:

Mas quanto me dói que à inesquecível companheira dos melhores quinze anos da minha existência, que a minha fiel e doce Maria não esteja ao meu lado para compartilhar do meu triunfo! Ela, que só pensava e sentia através do meu sentir e do meu pensar!”⁵.

Em alguns momentos Altino deseja a morte como um meio de reencontrar a esposa falecida, de forma análoga ao anseio expresso por Eugénie Leuzinger Masset em seu diário.

Altino Arantes revela constantes sonhos eróticos que tinha com sua esposa falecida. Além de sentimentos mórbidos, esta provocava em Altino sentimentos ambíguos, ora ela era vista como uma santa ou devota, ora como um fantasma que atenta sua lembranças:

É meia noite, recolho-me. Acorda-me do primeiro sono um pesadelo angustioso: alguém se insinuava devagarinho na cama e se acomodava mansamente a meu lado: era ela, a Maria – a obsessão constante de minha saudade. Por mais que me esforçasse por enxergar-lhe as feições, não o conseguiria, enquanto que ela, a seu termo, lutando debalde por falar-me, expelia apenas do peito, ofegante sobre o meu, uns sopros guturais, insonoros, frios, que me regulavam as faces.... Desperto, então, na ansiedade deste estranho debate de vontades incompreensivas; e fico a cismar, pelo resto da noite, no deserto infindo de minha vida, ouvindo o rumorejo encachoeirado e incessante das vagas, não evocação torturante de horas deliciosas, que elas me viram passar neste mesmo lugar e que – ai de mim! – nunca mais voltarão....⁶

Altino Arantes demonstra certo cuidado ao redigir seu diário, tem a preocupação em limitar temas acerca de sua intimidade e sexualidade que podem de certa forma comprometer-lo.

Na análise do diário é perceptível a preocupação de Altino em tentar justificar certos atos que tomou principalmente em relação ao seu governo, dando a entender, que precisava explicá-los a alguém. Em outros momentos risca certos trechos do diário o que demonstrava que precisava esconder algo ou que o trecho riscado poderia denunciá-lo de certa forma a um possível leitor. Assim, a escrita de si não tem autores propriamente ditos, e sim editores. “É como se a escrita de si fosse um trabalho de

⁵ AESP. APAA. Locus: AP91.01.001. vol.1. [1º/5/1916].

⁶ AESP. APAA. Locus: AP91.01.001. vol.1. [26/6/1916].

ordenar, rearranjar, e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando através dele um autor e uma narrativa” (GOMES, 2004, p.21).

Como esclarece Contardo Calligaris (1998) os diários íntimos dos personagens políticos analisados nesse trabalho cumprem os vários motivos que levam os indivíduos a escreverem seus diários íntimos e autobiografias, como por exemplo, responder as necessidades de confissão, de justificação ou de invenção de novo sentido. Aliás freqüentemente esses três aspectos mencionados costumam se combinar na escrita de si.

As leituras do diário íntimo aqui estudados não tem como objetivo destruir a imagem de Altino Arantes como homem político, forte, colocando em seu lugar um homem atemorizado e permeados por atribulações sexuais ou pelo fantasma de sua esposa. Altino Arantes era um homem de seu tempo, e assim devem ser pensadas suas ambigüidades. O importante a se perceber é como esse autor procurou construir suas imagens através da estruturação, ordenação e rearranjo de seus textos a fim de significar o trajeto de suas vidas.

Fontes:

Manuscritas Altino Arantes

Arquivo Público do Estado de São Paulo (AESP)

Lócus: AP91.01.001 – Diário escrito por Altino Arantes durante seu período na presidência de São Paulo, relatando todos os seus acontecimentos [período: 01/05/1916 a 31/10/1917 - 5 volumes - Atuação de Altino Arantes no Governo de São Paulo - fotocópia] - Título original: *Meu diario – Registro intimo de factos e impressões (redigido ao correr da penna, sem preocupação litteraria de qualquer especie, e destinado a meu uso pessoal e exclusivo).*

Lócus: AP92.01.001 – Diário escrito por Altino Arantes durante seu período na presidência de São Paulo, relatando todos os seus acontecimentos [período: 1918/1919 - 5 volumes - Atuação de Altino Arantes no Governo de São Paulo - fotocópia].

Locus: AP93.01.001– Diário escrito por Altino Arantes durante sua terceira legislatura como Deputado Federal [período: 1919/1924 – 5 volumes - Atuação de Altino Arantes no Governo de São Paulo - fotocópia].

Impressa

EGAS, Eugênio. *Galeria dos presidentes do Estado de São Paulo e vice-presidentes*. v.2 (Período republicano 1889-1920). São Paulo: Seção de obras d' "O Estado de S. Paulo", 1927.

Referência Bibliográfica:

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos. In: *Estudos Históricos*. CEPEDOC/FGV, v.11, n.21, Rio de Janeiro, 1998.

FOUCAULT. *História da Sexualidade: A vontade de saber*. Trad. ALBUQUERQUE, Maria Thereza da Costa; ALBUQUERQUE, J.A Guilhon. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2004, p.7-24.

HENRIQUE, Márcio Couto. *Um toque de Voyeurismo: o diário íntimo de Couto de Magalhães (1880-1887)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

HENRIQUE, Márcio Couto. *Um toque de Voyeurismo*. Rio de Janeiro, 15 de fevereiro, 2005. PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Disponível em:< www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid...>. Acesso em: 7 de abril de 2010.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. Prefácio de Barbosa Lima Sobrinho. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1975.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Diário Íntimo*. Organização de Maria Helena P. T. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MAUAD, Ana Maria; MUAZE Mariane. A escrita da intimidade: história e memória da viscondessa. In: GOMES, Ângela de Castro Gomes (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2004, p.127-228.

MELLO, Evaldo Cabral de. O fim das casas-grandes. In: NOVAIS, F. (coord.-geral), ALENCASTRO, Luiz Felipe (org. do volume). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. v.2. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.